

PANEGÍRICO AO ACADÊMICO IVENS CUIABANO SCAFF, PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, EM 30/04/2024

Ivens Cuiabano Scaff: Relato de uma Saudade

Inicialmente eu quero agradecer às amigas Marta Cocco e Sueli Batista, membros desta Academia, e Maria Teresa Carracedo, editora-chefe da Entrelinhas Editora, pelo generoso empréstimo de livros, entre outros escritos de Ivens, para a elaboração do texto que ora apresento.

Em 2022 eu doei a minha biblioteca à Unemat/Campus de Sinop, o que explica a total ausência de livros em minha estante. Às três amigas, a minha gratidão!

Há cerca de 28 anos como Membro desta Academia Mato-Grossense de Letras realizei algumas tarefas em eventos oficiais, tais como a colocação da Pelerine em vários acadêmicos que aqui ingressaram; nessa lista para minha honra incluo o protagonista desta noite: Ivens Cuiabano Scaff, que aqui tomou posse na data de 25 de março de 2014. Era uma terça-feira, noite, e o salão desta Casa estava repleto de amigos, admiradores e familiares de Ivens. A acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite fez um contundente e bem elaborado “*Discurso de Recepção*”, e o acadêmico Eduardo Mahon, presidente à época, entregou o Diploma ao empossado. Marília, como eu, foi uma amiga e admiradora de Ivens de longas datas. Infelizmente, em 2020, a perdemos para a Covid.

O pronunciamento em uma Sessão Magna da Saudade a um acadêmico ausente é a primeira vez que eu realizo. Eu sempre fugi dessa tarefa talvez por eu não saber lidar muito bem com as partidas. Desse modo, espero hoje corresponder essa atribuição que me foi dada pela nossa atual presidente, Luciene Carvalho, a quem agradeço a confiança.

A Sessão Magna da Saudade, aos que não conhecem, é uma tradição centenária que a Academia realiza para prestar uma homenagem a um acadêmico falecido. Com o cumprimento dessa Sessão a entidade dá um passo importante na consignação de um dos seus objetivos primordiais expresso em seu Estatuto, que é o de preservar a memória de seus acadêmicos, transmitindo-a às gerações presentes e futuras.

A cada novo pôr-do-sol me convenço de que a nossa Academia, como as demais Academias de Letras do País e do estrangeiro, assemelha-se a um Anais: um “*Grande Livro*” que registra e imortaliza a Vida e a Obra daqueles que fizeram e fazem a História

das Letras em cada espaço do nosso universo. Compô-la, sabemos, é uma honra para poucos. Tem sido uma honra para mim, e sei que o foi para o Ivens. Ele tinha orgulho de pertencer a esta Casa, que muito a honrou em sua trajetória por praticamente uma década.

Do seu Discurso de Posse extraio dois excertos que julgo pertinentes de serem lembrados neste momento. O primeiro foi quando ele disse: “*Realmente é um privilégio ocupar a Cadeira que foi de uma poeta. E a minha caminhada até aqui foi balizada por muitos poetas*”. Tal frase corresponde a saudação de Ivens à acadêmica Maria de Arruda Müller, centenária poeta, e ocupante da Cadeira N.7, da qual ele foi sucessor. No ensejo nomeio o Patrono da Cadeira, Cônego José da Silva Guimarães, e o primeiro ocupante, Manuel Xavier Paes Barreto Filho.

Já o segundo trecho corresponde ao instante da finalização do seu Discurso onde ele nos revelou:

*Hoje é o dia da minha posse nesta confraria...
Se me perguntarem o que farei na Academia, responderei:
Não sei.
Com o coração aberto, direi:
Não sei.
Com a mente aberta, direi:
Não sei.
Não sei, significando: entro para interagir, criar coletivamente, pensar a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos meus pares desta Casa.*

Nesta noite – destituída do laço afetivo que nos unia – posso dizer como uma acadêmica longeva: o acadêmico Ivens honrou o propósito que anunciou no dia de sua Posse pois interagiu, criou coletivamente, pensou a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos seus pares nesta Casa. Isso é fato selado entre os Membros que compõem esta Academia. Ivens fez jus a Cadeira nº 7 que ocupou e ocupará sempre – Sentido da Imortalidade.

Oportunidade que em nome dos meus colegas posso ainda afirmar: ele deixou uma imensa saudade em nossos corações. Sua ausência física ecoa fortemente pelos cantos desta Casa.

O bairro do Porto e o rio Cuiabá, de Ivens

Ivens Cuiabano Scaff, cuiabano, nascido em 30 de setembro de 1951, filho de Lucina Cuiabano Scaff e Hid Alfredo Scaff. Descendente de libaneses, pelo lado paterno, e descendente de portugueses, ingleses e indígenas pelo lado materno.

Foi médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da área médica, escritor, e um indivíduo extremamente preocupado com a difusão das mais diversas expressões culturais mato-grossenses, lutando de modo incansável pelas suas permanências, e propagando de modo positivo as novas artes que chegavam.

Falar sobre Ivens sem falar do bairro do Porto acredito que não seria possível. Ele amava o Porto banhado pelo rio Cuiabá, território onde viveu a sua infância e parte de sua vida adulta, e de onde extraiu (ou moldou) a matéria para a construção daquilo que ele foi.

Na sua rotina diária viu lanchas chegarem e partirem para lugares longínquos como Corumbá e Montevideú, pescou, banhava diariamente nas águas do rio, e confabulava com pescadores que dali tiravam alimento e sustento para as suas famílias. Na última entrevista que ele deu a TV Centro América, por ocasião do aniversário de Cuiabá, em 2023, após ler um trecho do poema *Kyvaverá*, Ivens confessa:

*o rio Cuiabá faz parte da minha vida... pelo convívio... pelas lendas...
pela cultura [por exemplo, trabalhadores com barro de São Gonçalo].
O cururu/ O Siriri/ Isso é fonte de inspiração para mim que escrevo e
para muitos artistas.*

Eu também sempre amei o rio Cuiabá, ainda que não tenha me banhado tanto em suas águas, para mim tão profundas. Acredito que esse rio preenche a memória de todos os cuiabanos, pelo fato dele banhar a cidade e ser fonte de vida, e por fazer parte do cotidiano imaginário de todos que aqui viveram no passado. Hoje eu não posso dizer que esse sentimento vive nos habitantes mais atuais da cidade porque Cuiabá cresceu e se miscigenou, o que não vejo como problema pois eu mesma sou fruto de uma família árabe/miscigenada entre sírios e libaneses, que aqui aportou.

Por décadas eu pude conhecer bem de perto um pouco desse espaço vivenciado e amado por Ivens, e por todos os cuiabanos do passado.

A menina Yasmin de sobrenome Nadaf não nasceu nem morou no Porto, mas seu pai ali residiu quando atravessou os dois Oceanos – Pacífico e Atlântico – para visitar seu tio Moisés Nadaf, que havia fincando suas raízes à beira do rio Cuiabá, casando-se e constituindo numerosa família. Seus filhos e filhas ao se casarem ergueram suas casas perto dos pais.

De uma viagem a passeio da Síria ao Brasil, e logo em seguida a Cuiabá, contando com 23 anos de idade, e sem falar o português, meu pai Jamil aqui ficou; adotou esta cidade como sua terra, a quem amou como um cuiabano de nascimento. E, quando eu ainda nem havia nascido, o primeiro comércio do meu pai foi no Porto, em frente à Praça Luís de Albuquerque. Era um pequeno comércio onde ele vendia de corda a fumo. Depois com mais recurso foi que ele abriu a “*Casa Nadaf. O Paraíso dos Perfumes*”, cujo primeiro espaço físico funcionou em frente à Praça da República, no centro de Cuiabá, onde também foi nosso primeiro endereço residencial pois morávamos no fundo da loja.

O Porto era então uma ligação selada em minha família. Os árabes, como os cuiabanos, não abrem mão da convivência familiar, e com as famílias afins. Assim nos domingos e feriados nossas visitas eram certas: Nadaf, Scaff, Bussiki, e um outro braço da família materna do meu pai, os Zarour. Todos morando no Porto, para onde seguíamos felizes...

[Permitam-me descrever uma imagem singular que eu guardei desse período de modo afetivo: é o retrato dos meninos banhando ou lavando carros numa ladeira de pedras redondas, que começava na rua 15 de novembro e terminava no rio Cuiabá. Ladeira que ficava ao lado da cabeceira da Ponte Júlio Müller. Eu amava ver os carros subindo e descendo aquela ladeira (o carro do meu pai era um deles), e muitas crianças felizes ali.]

A casa de Ivens ficava exatamente numa parte alta da rua/calçada próxima a essa ladeira. Casas ladeadas umas às outras e que se situavam assim (se não perdi a memória): a casa da dona Lucina Scaff, ladeada pela casa da dona Najla Bussiki, e pela casa do senhor Waldo Olavarria. As três casas, como as demais daquela região, eram de fachadas similares, e todas contavam com uma porta grande, e um corredor que unia a primeira porta a uma segunda porta que dava a entrada nas casas. Essa engenharia era usual nas casas cuiabanas onde a primeira porta ficava sempre aberta para as visitas aguardarem de modo mais confortável no corredor até serem recebidas. Os estranhos idem. Cuiabá acolhia! Era o tempo das portas abertas e das cadeiras nas calçadas.

Andei e desfrutei muito do quintal da casa de Ivens. Eu amava pisar em chão de terra, e melhor ainda quando era um quintal farto como aquele lá. Meus pais Layla e Jamil eram amigos de dona Lucina e senhor Alfredo, então íamos visitá-los. **A**colhimento, **A**feto, **A**legria e **A**mizade não faltavam naquela família. Interessante que somente hoje vejo que todas essas palavras começam com a letra **A**, a primeira do alfabeto. **A**

explicação?! Talvez porque a família do senhor Alfredo e dona Lucina seja o retrato de uma família do Porto, que carregava esses sentimentos como um ícone.

E, Ivens, herdou e propagou essa natureza de amor.

Aqui nomeio seus irmãos: Ivo, Yvonne e Ivelin. Ivens era o caçula. Nesse núcleo familiar não posso esquecer jamais da tia Geni Kalix, irmã da senhora Najla Kalix Bussiki, ambas primas do senhor Alfredo Scaff. Tia Geni amava a todos os sobrinhos, mas de modo especial seus cuidados recaíam sobre Ivens a quem amou como uma mãe zelosa.

Como médico – e aí dou um salto no tempo – Ivens foi e sempre será lembrado como um médico dos ricos e dos pobres sem distinção, e um médico que não tinha preconceito, tendo sido pioneiro na luta da desmistificação de que a AIDS era semelhante a uma lepra, para uma Cuiabá da década de 1980.

Carregando a letra **A**, como retrato de sua família, mostrou-se um médico extremamente dedicado, e que sofria muito com as dores de seus pacientes. Em várias ocasiões, eu pude atestar sua tristeza quando perdia um paciente para os recursos da medicina, em muitos de seus plantões.

Ivens e Yasmin: laços de uma amizade

Com o pulo para a década de 1980, uso o gancho temporal para narrar o estreitamento da minha amizade com Ivens: Ele médico no INSS, e eu, estudante de Letras na UFMT, e funcionária do IAPAS, na avenida Getúlio Vargas.

Nos dias de meio expediente no trabalho, saíamos rapidamente dos prédios anexos e corríamos para o carro de Ivens com destino as cachoeiras da mítica e mística Chapada dos Guimarães, ou para Bonsucesso onde sentávamos na areia próxima ao rio e sem olhar para as horas ficávamos falando sobre tudo: livros lidos, rascunhos de nossos escritos, paqueras, fofocas da cidade, e conversas sobre o folclore daquela região. “*Minhocão do Pari, existe, Ivens?!*” e riamos a não parar mais.

Nesse período ele me desenhava as histórias infanto-juvenis que desejava ver impressas; e, na metade da década de 1980, quando eu migrei do trabalho no IAPAS para a UFMT, Ivens já me contava sobre os belos intertextos que escrevia: diálogos com as fábulas e os clássicos da literatura universal infanto-juvenil, entre eles os contos de Hans Christian Anderson, e Monteiro Lobato, em nível nacional.

Essas leituras o fascinavam, e faziam brotar o escritor, tanto que não tardou a assinar os primeiros autógrafos dos seus livros.

De maneira singular ele era apaixonado pelas histórias do ciclo arturiano, leia-se *O rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*, com quem inclusive mediu de modo explícito em uma de suas obras infanto-juvenis.

Em 1988, Ivens publicou seu primeiro livro – *Mil mangueiras* – de poemas, e na década de 1990 consagrou-se como escritor.

O acadêmico Ivens e suas obras

O acadêmico Ivens publicou 11 livros entre poesia e livros infantil e infanto-juvenil. Muitos deles em 1ª e 2ª edições, que listaremos a seguir. Essas obras imprimiram o seu nome no cânone da História da Literatura Brasileira/Mato-Grossense.

Quando ele publicou seu 1º livro para os pequenos leitores alguns autores já haviam publicado no gênero, em Cuiabá e no Estado. Vejamos.

Dunga Rodrigues, autora de *Uma aventura em Mato Grosso* (Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984); Maria das Graças Campos, autora de *As meninas e o sabiá* (UFMT/Sesc/Entrelinhas, 1987); e, *Antônio de Pádua e Silva* (São Gotardo/MG, 1955-2003), um jornalista de formação, que aqui viveu por mais de 25 anos, autor de quatro livros: *Guerra do pantanal* (1991), *Selva e chuva* (1992), *Na terra da confusão* (1993), e, *O gato que amava girl* (1994), todos impressos com o selo da editora Atual, de São Paulo.

Não desmerecendo os autores e livros citados, que por sinal ocupam cada qual seu lugar de destaque na historiografia infantil e infanto-juvenil em nosso Estado, devo admitir enquanto pesquisadora e crítica literária que Ivens não só dobrou a soma na publicação dos títulos no referido gênero, como viveu um salutar “corpo-a-corpo” com professores, alunos e crianças dentro e fora da sala-de-aula, dialogando sobre suas obras.

Ele amava participar desses encontros, eventos literários, e rodas de leitura. Dividimos muitos desses momentos juntos.

Desse modo, Ivens consagrou-se como o maior destaque na literatura infantil e infanto-juvenil junto aos leitores; aos espaços acadêmicos universitários – através dos estudos sobre essa sua escrita – e, a mídia.

Na produção infantil e infanto-juvenil, em ordem cronológica, ele nos deixou o seguinte legado: *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (infantil, 1996), *A fábula do Quase-Frito* (infantil, 1ª edição, 1995, e 2ª edição, 1997), *Uma maneira simples de voar*

(infanto-juvenil, 1997), e *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* (infantil, 1999), todos editados pela editora Tempo Presente, e ilustrados pelo Wander Antunes, exceto a 1ª edição de *Uma maneira simples de voar* que recebeu os desenhos de Marcelo Velasco que fará futuras dobradinhas com Ivens.

A editora Tempo Presente foi uma editora criada por Ivens e Wander Antunes para difusão de seus títulos e de outros autores regionais, com foco no público infantil. Os livros eram via de regra de aspecto editorial econômico: papel, jogo de cores etc. A mesma editora lançou no mercado ainda duas importantes revistas literárias: a *Vôte!* e a *Estação Leitura*, onde divulgavam contos, poesias, crônicas e quadrinhos de autores residentes em Mato Grosso.

Já neste século, os livros de Ivens chegaram às nossas mãos em edições luxuosas e acabamentos impecáveis elaborados pela sua editora oficial, a Entrelinhas. São eles: *Uma maneira simples de voar* (2ª edição, de 2006), e *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (infantil, 2012), ambos com Ilustrações de Marcelo Velasco. E, no entremeio, em 2008, *O menino órfão e o menino rei* (infanto-juvenil). Esse livro tem um aspecto curioso: nasceu como texto para o teatro, em 1998, com o título *A espada encantada – uma história dos tempos do rei Arthur*. Seu primo Carlos Gattass (o Carlão dos Bonecos) confeccionou e manipulava os bonecos nas apresentações teatrais; bonecos que posteriormente foram fotografados para a confecção do livro impresso, resultando numa inovada experiência editorial onde as ilustrações se transformaram em foto-ilustrações tiradas dos cenários montados.

Na poesia, como citamos, Ivens estreou com *Mil mangueiras*, em 1988; um livro de pequeno formato – 11 cm x 16 cm –, e contando com 50 páginas, de edição própria. Esse formato foi recompensado quando veio a lume *Kyvaverá*, em 2011, em grosso volume e maior tamanho, impresso pela Entrelinhas. As imagens que ilustram essa obra são reproduções de telas do consagrado artista plástico Jonas Barros.

Em 2016, novo livro de poemas pela mesma editora, *Asas de Ícaro: Versos de enamoramento e seus antônimos*. Ilustrações de Adir Sodré.

Mais recentemente fomos apresentados com *Embaúba: a história de uma árvore*, literatura infantil, em 2020; e *Haluares: 101 Haikais & outros versus luares*, em 2021. Os dois livros foram ilustrados pela Ruth Albernaz, e publicados também pela Entrelinhas. O primeiro, *Embaúba*, traz uma belíssima mensagem sobre a solidão e o silêncio solidários. Recorrendo a uma árvore, como metáfora, o escritor fala dos seres que

optam pelo isolamento, e, ainda assim, cumprem a rica missão de serem úteis a humanidade.

Infelizmente o tempo que disponho nesta noite é curto para fazermos um passeio mais fundamentado pela sua obra. De modo que tentarei sintetizar de maneira geral a sua estética.

Por repetidas entrevistas ou depoimentos em eventos literários e a mídia, Ivens não escondeu um dos motivos que o levou a escrever livros para o público mirim. Paralelamente as inquietações existências comuns a quem já nasce escritor, ele afirmava sentir um “certo incômodo” (digamos assim) pela ausência de traços de Mato Grosso – seu *habitat* – nos livros que lia quando menino.

Ivens era apaixonado por Mato Grosso, sua terra e sua gente, donde: a sua paisagem exuberante – os cerrados, as chapadas e o pantanal –, as tradições culturais da nossa ancestralidade, a fauna e a flora, a culinária, o linguajar dos vários núcleos que aqui habitaram/e habitam, e os mitos e as lendas passadas de gerações a gerações através do fascinante processo da oralidade.

Com seu amor transbordante, ele colocava todo esse universo em uma grande panela de ferro, e depois mexia até virar uma massa consistente. Com o ponto da massa à risca dava luz a seus livros, semelhante a um artesão de São Gonçalo Beira Rio – trabalhador que ele admirava –, fazendo surgir a sua cerâmica de barro.

Em minha tese/livro *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, publicado em 2002, ao narrar sobre a importância da literatura produzida em folhetins literários por autores mato-grossenses ou que aqui residiram, no final do século XIX e 1ª metade do século XX, eu disse em um determinado trecho o que por incrível que pareça cabe ao conjunto das obras de Ivens, permitindo-me repeti-las aqui:

essa escrita entreteve, informou, educou, criou hábitos de leitura, formou autores, refinou costumes, ditou regras sociais, morais e religiosas, e fortaleceu a identidade regional. Na busca deste último aspecto, valorizou o passado e o presente, a alma e a terra, e expressou uma imagem saudosista e de esperança para o momento atual e o futuro da região: enalteceu os feitos heroicos, a natureza e suas riquezas naturais, os costumes, os dialetos, o vigor físico do mato-grossense e sua capacidade de suportar com dignidade os prejuízos decorrentes do isolamento geográfico territorial. [Este último aspecto, cabe lembrar que já não é o tempo do Ivens-escritor, mas foi outrora vivenciado em nossa história].

Em harmonia com essa assertiva escreve-se o conjunto da obra de Ivens. Ficando, assim, comprovado que o protagonista desta noite bebeu nas fontes escritas dos nossos homens e mulheres de letras regionais do passado.

Neste instante, reporto-me à alegria manifesta por Ivens em muitos dos nossos retornos na estrada de Chapada a Cuiabá quando ao avistarmos os primeiros prédios da cidade, ele me chamava à poesia, e em voz alta e consistente falávamos os versos de alguns poemas de Dom Aquino Correa. *Ninho em flor* era um dos seus preferidos, de maneira que não posso deixar de citar em homenagem:

*Quando voltei, após tão longas viagens,
A minha terra estava toda em flor:
Eram flores dos céspedes selvagens,
Eram as flores mais gentis do amor.*

*Morria a tarde em túmulo de rosas,
E a choravam, num dueto, as juritis;
Havia, em tudo, florações radiosas
De ametistas, opalas e rubis.*

*Como eras linda, nessa tarde de ouro,
Ó minha legendária Cuiabá!
Tinhas no colo a branca flor do louro,
E as flores cor-de-rosa do aricá!*

*Gozando o influxo da primeira chuva,
Em teu seio tão úbere e vivaz,
Sorrias-me nas flores da piúva,
E na dourada flor dos cambarás!*

*E me esqueci de tudo que admirara,
Nos mais formosos parques de além-mar:
Tão mimosa que achei, tão bela e rara,
Qualquer flor do teu campo, a mais vulgar!*

*É que diante de mim, ó meu tesouro,
Mais do que as tuas flores tão louçãs,
Resplandecia, nessa tarde de ouro,
A frente de meu pai, florindo em cãs!*

*Quando voltei, após tão longas viagens,
A minha terra estava toda em flor;
Eram flores dos céspedes selvagens,
Eram as flores do mais puro amor.*

Necessário também assinalarmos que mesmo na escrita onde Ivens fugiu do território mato-grossense como cenário, ele manteve igualmente as mesmas preocupações sociais, morais e existenciais de sua obra.

Através de uma linguagem simples e direta, e de enredos lineares, deixou mensagens para os pequenos que um dia se tornarão adultos, e para os adultos deixou um lembrete para carregarmos nas bolsas ou nos bolsos para não esquecermos. Entre essas lições destacamos a importância do amor e da amizade, da lealdade, da justiça e da igualdade, do respeito aos idosos que tanto aprendizado positivo tem a nos passar, da valorização dos habitantes dos sítios e das aldeias, do carinho com os animais e com as árvores, flores e plantas, enfim, de cuidados com a natureza/terra e o homem deste planeta, bem como a necessária relação de harmonia entre ambos.

Na fileira de elementos da terra, saltam das páginas dos seus encantados livros o cheiro da banana frita, do arroz com pequi, da rapadura... manga, pitanga, mangava, bocaiúva, tamarino, e *tutti quanti*. Na lista da fauna enxergamos o jaburu para nós tuiuiú, o japuira, a seriema, a garça, o jacaré, a capivara e os peixes, esses uma infinidade, tais como o pacú, pintado, bagre, cachara, jaú, piraputanga, e tantos outros típicos das águas doces dos nossos rios.

No rol das histórias passadas de gerações a gerações com ou sem veracidade (por isso se chamam histórias), descreveu mitos e lendas como a do *Minhocão do Pari*, da *Piraputanga de Ouro* que viveria dentro de um lago, no topo do morro (provavelmente o Morro de Santo Antônio), dos Índios Bororós que não morreram de fome graças a um papagaio que encontrou um rio “rebojando” de peixes, e, do batismo do nome da cidade de Cuiabá, *Kyvaverá*, mote do livro homônimo. *Kyvaverá*, que na língua guarani significa “o rio das lontras brilhantes” (linda e poética expressão!), e que segundo o nosso escritor por dificuldades de pronúncia os brancos bandeirantes chamaram primeiro de *Kyvaverá*, depois *Kuiaverá*, depois *Kuiavrá*, e finalmente Cuiabá.

O acadêmico Ivens conhecia a fundo os mitos e as lendas intrínsecas da história da fundação e do povoamento de sua terra de origem. Aliás, conhecia a história de Mato Grosso desde a sua fundação até a atualidade.

Aqui, reporto-me novamente ao seu Discurso de Posse nesta Academia onde ele fez um passeio pelos cronistas do passado, detendo-se no teor de algumas de suas crônicas que davam notícias de uma Cuiabá, e de um Mato Grosso dos séculos XVIII e XIX.

Linhas atrás afirmamos que Ivens tinha um olhar especial voltado ao ciclo arturiano. Pois bem, com esse mesmo olhar ele amava desbravar os escritos sobre as remotas entradas dos bandeirantes paulistas pelo interior do Brasil, mais restritamente entre a Capitania de São Paulo e a Capitania de Mato Grosso: as chamadas “Monções”. Interessante que esses dois temas apresentam traços muito semelhantes, ainda que o

primeiro gire em torno de uma lenda bretã, com unidade temporal na Idade Média, e o segundo resida num fato real, tendo como cenário o Brasil colonial.

A fusão temática se dá na busca da conquista de territórios e na conquista de riquezas. Uma literatura cuja cadeia semântica se veste de aventuras do tipo capa-e-espada, com destaque para a luta do bem contra o mal, onde surgem heróis alternadamente virtuosos ou malignos, e os infundáveis deslocamentos geográficos pondo a prova a força e o vigor dos homens, na busca de incontáveis e valiosos tesouros.

Fica aí, portanto, uma dica para os estudos futuros sobre a obra de Ivens, bem como a sua formação literária. O tema ainda é inédito.

Mas, o tempo urge e preciso encerrar o percurso pelos seus livros.

Kyvaverá é lenda e história narrada em versos, e de onde jorram as lembranças do menino e do adulto Ivens sobre o rio que dá nome a cidade, e tudo o que se referia a própria cidade.

Esse território, de pertencimento a Ivens, foi chão e raiz dos membros mais velhos de sua família, o que acreditamos ter agregado em seu âmago um maior vínculo nessa relação Homem/Natureza, História/Imaginário. Os Scaff tiveram uma firma para o transporte regular de cargas por meio do rio Cuiabá, – a Scaff Gattass & Cia –, encarregada do serviço de navegação comercial do Baixo Rio Paraguai, Cáceres e Corumbá. E, o senhor Hid foi também proprietário da Usina São Sebastião, que produziu uma aguardente do mesmo nome. A Usina localizava-se na beira do rio Cuiabá, abaixo da cidade de Santo Antônio de Leverger.

Nos livros de poesia – *Asas de Ícaro e Haluares* – Ivens fugiu do espaço regional e foi para o universal. Ainda que eu penso que nos livros de caráter regional, a essência que extrapola da alma humana do poeta é única, afinal fomos, somos, e sempre seremos um e ao mesmo tempo “todo o mundo”.

Nesses poemas Ivens foi Pessoa e Persona, e lírico. Em *Asas de Ícaro* versou sobre o amor: tema dos idos de Adão e Eva. Confessou-nos de modo intimista e sem pudor os seus muitos amores, uns alegres, outros tristes, suas chegadas e partidas; e proseou com os amantes de amores vividos, e de amores irrealizados de destaque na história clássica universal. Em *Haluares*, o foco foi para a lua, metáfora recorrente nos poetas que viveram e falaram de Amor. A lua... mistério, sonho e imaginação; luz e sombra.

Nesta obra o conteúdo veio expresso em Haikais, um gênero que nosso poeta apreciava muito. *Haikais*: versos curtos como os instantes da vida; escritos com gracejo

(“Hai”) e harmonia (“Kai”). Traços estes – por coincidência – bem visíveis em sua personalidade.

A Despedida

Ivens Cuiabano Scaff faleceu no dia 21 de fevereiro deste ano, após ser submetido a uma cirurgia no fígado na data de 22 de janeiro, no Hospital das Forças Armadas (HFA), em Brasília. O pós-cirúrgico que deveria durar cerca de 15 dias, segundo o cronograma que ele me passou dias antes de embarcar, e que seriam de 4 a 5 dias de UTI e 10 dias no quarto, infelizmente, se estendeu num período de muita aflição para aqueles que o amavam. Dias de melhora e dias de piora em seu quadro clínico, e talvez de dor e ansiedade para ele (não sou médica para atestar se ele sofreu, espero que não). Talvez como médico tenha tido a consciência do que ocorria, o que muito me entristecia a cada novo Boletim.

Boletins estes, é hora de dizer, carinhosamente ofertados pela sua família; todos eles escritos pelo seu sobrinho médico Dr. Alfredo Scaff que seguiu do Rio de Janeiro para Brasília para acompanhar a sua cirurgia e o tratamento.

Neste instante, agradeço em nome de todos os colegas da Academia pelo compartilhamento das informações mesmo em um momento tão difícil para os familiares.

O próprio Ivens com quem eu falava diariamente desde a descoberta do câncer inicial em seu fígado havia-me orientado a buscar notícias de sua recuperação com o seu sobrinho Alfredo, a quem me passou o contato, para democratizá-las no grupo da Academia. Gratidão, Alfredo, por ter me correspondido.

A sobrinha Helena e seu esposo Mauro meu carinho e meu muito obrigada pelo diálogo diário cheio de esperanças, de fé, sempre acreditando que o quadro de piora de Ivens poderia ser revertido. Gratidão também, querida Helena.

Mas, Deus tem os seus caminhos...! E quem Nele crê, sabe que devemos respeitá-los.

Na primeira noite de Lua Cheia, do mês de março, acordei para ver a lua preferida do meu amigo e acadêmico Ivens. Olhei para o céu e perguntei: “São Jorge mora na lua com o dragão? Ivens?”. Silêncio. Repeti a pergunta e escuto um sopro baixinho me dizendo: “Feche os olhos e escute”. Fechei: e no sossego da noite repeti mais uma vez a pergunta agora em meu pensamento... Sem a sua presença física ouço a nossa risada, aquela mesma risada de quando eu lhe perguntava sobre a existência ou não do “Minhocão do Pari”, nas longas tardes em Bonsucesso.

Essa risada, agora em meu coração, nele vai morar para sempre, até o nosso reencontro.

Até lá: Infinitas Águas... Infinitas Saudades...

Permitam-me agradecer de público por tudo de bom que ele particularmente me deixou.

O acadêmico Ivens foi velado nesta Academia Mato-Grossense de Letras com a sua Pelerine como era o seu desejo, nos dias 22 e 23 de fevereiro. O enterro foi no Cemitério do Porto.

A Academia honrou a sua despedida, como Ivens honrou a sua estada nesta Casa. Tornou-se, definitivamente, Imortal!